
A FORMAÇÃO DO PROFESSOR: REFLEXÕES, EXPERIÊNCIAS E PRÁTICA DOCENTE

Lilian Oliveira dos Santos
lilianoliveira15@hotmail.com
Priscila Natividade de Jesus
pinknatividade@gmail.com
Universidade do Estado da Bahia

A formação docente, bem como a prática profissional exercida ao longo da docência encontra-se ligada as “escolhas” que fazemos ou que são feitas no que se refere à profissão. São elas, muitas vezes, que determinam a construção de uma trajetória profissional e pessoal diante das perspectivas ou oportunidades que surgem em nossa realidade. Ao fazerem vestibular para os cursos de licenciatura, muito jovens não se imaginam como professores de ensino básico, alguns acabam refletindo sobre a profissão no período do estágio e/ou já atuando em sala de aula. Em sua maioria os jovens estudantes que pertencem a famílias de classes baixas, acabam por não escolher o magistério como opção, mas vêm nesta, a alternativa mais próxima de seu cotidiano, pois, lhe possibilita ingressar mais rapidamente no mercado de trabalho. Segundo Arroyo:

Os adolescentes e jovens das camadas populares, filhos de famílias trabalhadoras vão constituindo suas identidades no espelho do outro, na imagem de trabalhador (a), de servidor público, que a mídia e a escola, a ideologia hegemônica e as relações sociais vão lhes conformando como mais próximas de sua condição social, de seus preparos e de suas capacidades. Ser professora, professor de escola se encaixa como uma de suas possibilidades e saídas. Não é expirar alto demais¹.

Na direção desse pensamento, entendemos que os jovens de camadas populares, em busca de sua independência financeira, ingressam nos cursos de licenciatura por não terem oportunidades maiores de estudos para pleitearem vagas em outros cursos e ainda acreditam que este lhe permitira um acesso mais rápido a independência que almeja, através de um emprego. Contudo, alguns destes, a partir da atuação na área educacional percebem que não tem afinidade alguma com a profissão, comprometendo assim a sua formação, bem como seu desempenho profissional. É importante salientar que dentre estes, existem muitos outros fatores que influenciam na formação do professor. Entretanto, nosso objetivo aqui não é apontar as causas, mas sim, refletir sobre a formação do professor do ensino de história, percebendo sua importância para com a educação e a sociedade.

O papel do professor, assim como, o ensino de História torna-se cada vez mais relevantes na construção de novas perspectivas e transformações tanto sociais como educacionais. Há algumas décadas, o ensino de história era tradicionalista, pautado em contar as histórias dos grandes eventos ou heróis, preocupava-se em ensinar os acontecimentos de determinadas épocas ou datas marcantes na história. A escola dos Annales², bem como outras correntes historiográficas, romperam com tal tradicionalismo, possibilitando-nos hoje analisar uma outra história, narrada por aqueles que foram marginalizados e excluídos dela.

A quebra com o tradicionalismo do ensino, bem como as inovações tecnológicas no âmbito educacional de ensino, possibilitou um melhoramento no ensino-aprendizagem. Porém, ainda devemos nos preocupar com o tipo de formação profissional e ou ainda com o perfil dos professores de História. Será que o professor (a) de História está de fato preparado (a) para assumir sua tarefa de educador (a)? Qual sua concepção de educação?

A atuação do professor de História encontra-se muito além da sala de aula, mas propõe também, romper com as barreiras estabelecidas por esta, cabendo ao referido perceber o cotidiano vivenciado pelos estudantes, aproximando-se assim, da sociedade. Para tanto, é preciso estabelecer uma relação de aproximação entre suas vivências e os conteúdos propostos, a fim de garantir-lhes uma melhor aprendizagem, proporcionando-lhes ainda um despertar crítico e consciente perante as realidades que se encontram inseridos. Segundo Freire:

A experiência histórica, política, cultural e social dos homens e das mulheres jamais pode se dar “virgem” dos conflitos entre as forças que obstaculizam a busca da formação de si por parte dos indivíduos e dos grupos e das forças que trabalham em favor daquela assunção. A formação docente que se julgue superior a essas “intrigas” não faz outra coisa senão trabalhar em favor dos obstáculos. A solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância³.

Nesse sentido, o professor no âmbito de sua formação social e política, na qual deve está muito além dos conhecimentos acerca dos conteúdos a serem discutidos em sala de aula, sendo capaz de interferir, atuando nos problemas da sociedade, nos problemas da escola, com o objetivo de garantir uma educação de qualidade, bem como, uma aprendizagem significativa aos educandos.

Fonseca⁴ nos faz refletir sobre a importância da atuação do professor de História, no sentido de contribuir para com o despertar da consciência histórica dos docentes,

proporcionando-lhes uma descoberta e/ou um reconhecimento, enquanto sujeitos construtores da história, podendo assim, exercer seu papel de cidadão, atuando perante a sociedade. Em consonância com o pensamento da autora, Caimi⁵ discute sobre o papel do professor de História, em que evidencia que desde a década de 90, vem se configurando discussões acerca da formação de professores reflexivos, investigadores de sua prática. Para ela, o professor não poderá apenas possuir o conhecimento acerca do conteúdo, se não é capaz de investigar os problemas que se colocam no cotidiano escolar. O educador deverá romper com o ensino tradicionalista, tecnicista, que visava a reprodução do conteúdo discutido em sala de aula, mas sim, ser um pesquisador capaz de saber selecionar conteúdos e adequando-os as necessidades reais de aprendizagem do aluno.

Pensando nessas questões de efetivação da prática docente, por meio dos estágios do ensino de História, a participação no PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - se constitui mais um acréscimo no pensar pedagógico e do fazer-se professor (a). Neste sentido, o programa oportuniza, juntamente com o curso de licenciatura, o contato com o magistério através da vivência cotidiana e direta nas escolas, desempenhando dentro das possibilidades, uma função de incentivo e valorização do docente. Sendo assim, a integração no programa auxilia e contribui de maneira significativa na nossa formação acadêmica e profissional, estabelecendo a troca de diálogos entre graduandos em licenciatura e professores que já atuam na área. Sua importância não deixa de levar em consideração, um de seus principais objetivos, que é pensar a preparação de futuros professores para atuação em sala, através da experimentação e participação em propostas metodológicas, estratégias de ensino e observação da prática docente.

Diante de tal discussão, o PIBID também contribui para pensarmos no estágio supervisionado, se tornando esse o momento de consolidação entre teoria e prática, em que são postas as expectativas em relação ao ensino/aprendizagem na sala de aula. Logo, as experiências adquiridas nos estágios, em espaços formal e não-formal, se constituíram a verificação das discussões teóricas desenvolvidas no ambiente acadêmico e que são transpostas para a prática em sala. A partir daí podemos afirmar que, a ação docente tem como uma de suas funções fomentar nesses locais um diálogo entre professor/aluno/comunidade, procurando com isso, auxiliar na construção dos saberes.

É importante salientar que o presente artigo tem como objetivo pontuar nosso experimento e participação nos estágios, enfatizando a prática de ensino dentro e fora da sala de aula. É dentro dessa abordagem que consideramos de extrema importância, colocarmos

que nossas perspectivas nesses dois espaços distintos, mas que, sobretudo, desempenham um papel fundamental na formação de indivíduos, tece relevantes relações sociais. Desta forma, a prática em um espaço não-formal, possibilitou a aproximação entre nós, graduandos em História e a comunidade, a fim de provocar um diálogo interessante e ao mesmo tempo construtivo. Nesse ponto de vista, é pertinente ressaltar a valorização da prática de ensino em organizações sociais, considerando a importância e ênfase o papel social de movimentos que visam o desempenho de funções políticas. Diante disso, Gohn nos esclarece que podemos perceber a importância desse campo da educação sob vários aspectos, dentre eles “a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos”⁶, no compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas.

O estágio no ensino fundamental, se tornou na prática, a maneira de vivenciarmos a dinâmica e o contexto de uma escola enquanto professoras. Com isso, pudemos analisar de forma concreta, o espaço da sala de aula como um recinto que gera reflexões e críticas nos sujeitos, sendo esses promotores de problemáticas, oriundas de suas realidades e da sociedade em que estão inseridos, havendo assim, uma troca de diálogos entre professor/aluno, escola/sociedade. De acordo com os PCN’S:

A seu modo, o ensino de História pode favorecer a formação do estudante como cidadão, para que assuma formas de participação social, política e atitudes críticas diante da realidade atual, aprendendo a discernir os limites e as possibilidades de sua atuação, na permanência ou na transformação da realidade histórica na qual se insere⁷.

Esse período de estágio nos fez compreender como a prática de ensino acontece de forma interativa e autônoma, em que a construção do saber se constitui a partir das vivências, experiências e a uma troca recíproca de aprendizagem. Percebemos com isso, que a ação pedagógica é importante para o desenvolvimento das capacidades do indivíduo, visto que o ensino de História traz possibilidades de uma prática educativa reflexiva e questionadora. Compreendemos assim, que o papel do professor requer uma atenção sobre as diversas realidades, considerando os sujeitos e suas participações dentro dos processos históricos.

De acordo com a experiência vivida e o que diz Pimenta, nem sempre os professores têm a clareza sobre os objetivos que orientam a sua prática no contexto escolar e no meio social⁸. A partir desse argumento se faz importante a elaboração das nossas posturas, enquanto futuros profissionais da educação e a construção de uma identidade, visto que, compreendemos nessa experiência, que o ensino de História é uma prática social complexa,

cheia de valores e mudanças humanas, sendo preciso uma problematização partindo de uma formação cotidianamente reflexiva. Como nos revela Schmidt, é fundamental também que,

O professor de História *possa* ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançar os germes do histórico. Ele é o responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemáticas.⁹

A partir da idéia trazida pela autora, reafirmamos que o papel do professor (a) de História está muito além dos muros da sala de aula, da dominação do conteúdo a ser trabalhado nas aulas e ainda de sua mera transmissão, ele deve aproximar-se das questões sociais, problematizando-as e atuando frente aos problemas da sociedade.

Contudo, a interação ensino/aprendizagem nos fornece subsídios capazes de apreciar a produção do saber em diferentes ambientes sociais, sendo ele formal ou não. Assim, destacamos que, a partir desse primeiro contato foram constituídos vínculos permanentes que expressam de maneira exemplar a importância das relações construídas na escola como algo preponderante no nosso crescimento como indivíduos. O processo de aprendizado, inclusive no espaço escolar, implica um movimento de relação recíproca entre sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido, num dado contexto sócio-histórico¹⁰. Isso nos remete perceber estratégias metodológicas que forneçam articulações entre experiência, vivência, interesses, valores e expectativas diferenciadas. Daí a importância do diálogo dos alunos com a temática abordada, havendo uma mediação do professor.

Portanto, a prática dos estágios, assim como, o trabalho junto ao PIBID são elementos contribuidores no processo de nossa formação docente, pois os mesmos exercem um papel fundamental no exercício da reflexão sobre a realidade educacional. Isso envolve as propostas de ensino, a escola, os professores e os alunos, numa perspectiva de pensar e repensar nossas posturas, decisões, problemas, e, sobretudo, extraindo de tais colocações muitos aprendizados.

¹ ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Vozes, 2000, p.27.

² BURKE, Peter. **Escola dos Annales (1929-1989)**. A revolução francesa da historiografia. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1997.

³ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários a prática educativa. 15ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996, p. 47.

-
- ⁴ FOSENCA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história:** Experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papyrus. 2003.
- ⁵ CAIMI, Flávia Eloisa. **Por que os alunos não aprendem história?** Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. Revista Tempo. 21.2006
- ⁶ GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Rio de Janeiro v.14, n.50, p.27-38, jan./mar. 2006.
- ⁷ Parâmetros curriculares nacionais: história / Secretaria de Educação Fundamental. . Brasília : MEC / SEF, 1998, p. p. 36.
- ⁸ PIMENTA, S.G.; LIMA, M. S.L. **Estágio e Docência.** Ed.3. – SP: Cortez, 2008. p.31
- ⁹ SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula.** 11 ed. – São Paulo: Contexto, 2006, p. 57.
- ¹⁰ CIAMPI, Helenice. O processo de Conhecimento /pesquisa no ensino de História. In: **Historia & Ensino: Revista de Laboratório de Ensino de História /UEL Vol. I.** - Londrina, Paraná, 1995. p.121

Referências

- ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens.** Vozes, 2000, p.27.
- BURKE, Peter. **Escola dos Annales (1929-1989).** A revolução francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1997.
- CIAMPI, Helenice. O processo de conhecimento /pesquisa no ensino de historia. In: **Historia & Ensino: Revista de Laboratório de Ensino de História /UEL Vol. I.** - Londrina, Paraná, 1995.
- FOSENCA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história:** Experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papyrus. 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Saberes necessários a prática educativa. 15ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Rio de Janeiro v.14, n.50, p.27-38, jan./mar. 2006.
- Parâmetros curriculares nacionais:** história / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.
- PIMENTA, S.G.; LIMA, M. S.L. **Estágio e Docência.** 3ª Edição. SP: Cortez, 2008.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula.** 11ª edição. São Paulo: Contexto, 2006.